

Artigo Original

Contribuições acerca do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade quilombola

Contributions about knowledge sharing in meetings with the community

Laura Nunes Novaes¹ orcid.org/0000-0002-8413-5839

Maria Catarina Félix da Silva¹ orcid.org/0000-0003-0939-0351

Suely Emilia de Barros Santos² orcid.org/0000-0001-6249-7487

Wanessa da Silva Gomes³ orcid.org/0000-0002-9093-8275

¹Graduanda em Psicologia, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

²Psicóloga, Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

³Enfermeira sanitária. Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil

E-mail do autor correspondente: laura.novaes@upe.br

Submissão: 08/06/2021

Aprovação: 16/07/2021

RESUMO

O presente trabalho tem a pretensão de apresentar o Programa de Extensão Universitária “Um Pé de Saúde”, que atua junto à comunidade quilombola do Castainho, em Garanhuns-PE, desde 2017. Nesse sentido, a partir de relatos de experiência de duas extensionistas acerca de ações realizadas pelo programa, pretende-se, por meio da leitura fenomenológica hermenêutica, discorrer um pouco sobre os encontros coparticipativos já realizados. Este artigo traz pontuações, não como resultados fixos e finalizados, mas sim, como reflexões na direção do compartilhamento de saberes em encontros com a comunidade, ações de saúde e de valorização da cultura quilombola. Sendo assim, compreendeu-se a importância de uma extensão de práxis emancipatória, que permite um compartilhar de saberes e conhecimentos plurais, de forma a construir um caminho entre a Universidade e a comunidade, diante da possibilidade da interação.

Descritores: Universidade; Extensão; Comunidade Quilombola; Fenomenologia.

ABSTRACT

The present work intends to present the University extension “Um Pé de Saúde”, which works with the quilombola community of Castainho in Garanhuns-PE since 2017. In this sense, through the experience reports of two extension workers in actions carried out by the program, it intends to through phenomenological reading, talk a little about the co-participative meetings already held. In this sense, the article in question brings scores not as fixed and final results, but as reflections on the sharing of knowledge in meetings with the community, health actions and the valorization of quilombola culture. Thus, it was understood the importance of an extension of emancipatory praxis, which allows exchange of knowledge and plural knowledge as a way of building a path between the University and the community, since it allows possibilities of being with others.

Keywords: Universidade; Extensão; Comunidade Quilombola; Fenomenologia.

1. INTRODUÇÃO

Devido a um histórico elitista da Educação, é possível verificar contrapontos e entraves nas práticas de extensão. Por isso, torna-se importante mostrar de que lugar partimos e olhamos, quanto ao modo de intervenção da extensão Um Pé de Saúde, programa que, por meio de práticas em saúde desde 2017, atua em coparticipação com a comunidade quilombola do Castainho, localizada na cidade de Garanhuns-PE. Há duas perspectivas de extensão universitária: uma vista como assistencialista e outra, não assistencialista.¹ A primeira se refere a um caminho só de ida, no qual a transmissão de conhecimento é vertical, sustentada por uma ideia colonizadora. Já a segunda é caracterizada pela comunicação, proposta por Paulo Freire,² partindo de uma visão horizontal e não assistencialista, que permite diálogo e autonomia, capaz de promover conscientização.

Nesse sentido, faz-se necessário pontuar aqui, que o presente trabalho parte de uma visão não assistencialista e, portanto, as ações que aqui serão relatadas veem, no diálogo e na coparticipação com a comunidade, um caminho a ser traçado e percorrido. Assim, dentro desse modo de intervenção, as práticas extensionistas têm a capacidade de realizar diversas interações com os múltiplos setores da sociedade, viabilizando o compromisso da responsabilidade social universitária e colaborando com experiências entre alunos, professores e comunidade.³ Portanto, tais práticas contribuem com a construção de realidades.

É nessa caminhada em via de mão dupla e na tentativa de uma práxis

emancipatória, de diálogo e respeito, que o presente programa de extensão, com ações extensionistas e a partir da coparticipação e corresponsabilidade, busca contribuir com a valorização da cultura quilombola, promover escuta e cuidado em saúde, ao passo que também aprende com a comunidade, através de vivências, prosas, contação de histórias. A aproximação e a articulação, portanto, estão presentes por meio da conversação.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico deste trabalho se deu por meio de registros narrativos construídos a partir da realização de cartografias clínicas, numa leitura fenomenológica hermenêutica, em que há um relato da experiência em diários de bordo, feito por cada extensionista.

Há narrativas sobre as reuniões com lideranças e encontros com a população durante o período pandêmico de 2021, bem como narrativas que se referem à ação intitulada “Beleza Quilombola”, promovida na escola Virgília Garcia Bessa, realizada no dia 22 de novembro de 2019, na qual buscou-se trabalhar aspectos próprios da população negra, desde as características físicas até a vestimenta e/ou acessórios, como o turbante, a trança nagô e a construção de bonecas negras. Tais aspectos representam o modo de reconhecimento e historicidade do povo tradicional quilombola.

3. RESULTADOS

Diversas ações foram concretizadas. Entre elas, estão: atividade em saúde com realização de oficina de criatividade, plantão psicológico, oficina de plantas

medicinais, aferição de pressão, auriculoterapia, construção do censo demográfico do Castainho, distribuição de materiais de proteção contra a COVID-19 e orientações seguras sobre a sua prevenção. Entretanto, neste trabalho, focaremos na ação de valorização da beleza quilombola e nos encontros com a comunidade.

No que se refere à ação de beleza quilombola, essa foi a segunda atividade evidenciando a temática desenvolvida pelo programa de extensão na comunidade, como é possível ver na narrativa a seguir:

“Ao chegar à escola, deparo-me com fotografias realizadas pelo programa Um Pé de Saúde, de ações anteriores. Pude perceber como aquilo era uma semente, para nós (grupo), a escola e a comunidade. Ter estado ali, conhecer aquela escola e quem a frequenta, os sentimentos e todas as sensações vividas me fizeram crescer também em um âmbito pessoal, além do acadêmico. É sobre um encontro com o outro[...], sobre histórias e sentimentos que nos perpassam. Relembrar a ação, escrever e trazer de novo à memória, enfim, tudo isso me fez querer conhecer mais, cada vez mais, os povos tradicionais.” (Diário de bordo, 2021).

Nesse sentido, vê-se a importância de atividades extensionistas, visto que permitem a relação do aluno com outros campos de saberes. Nos movimentos coparticipativos e em contato com outros, são elaboradas questões plurais e coletivas. O conhecimento se dá justamente nesta relação homem- mundo e nas problematizações que surgem a partir dela.² Sendo assim, não há uma transmissão de conhecimentos na qual um sabe mais e outro menos, mas sim uma comunicação que se dá mediante a

relação, podendo esta ser transformadora.

Figura 1: Foto tirada em frente à escola onde ocorreu a ação “Beleza Quilombola” na comunidade do Castainho. Garanhuns, 2019.



Fonte: Autor

Ainda referente a essa mesma ação, ressaltamos aqui uma outra narrativa que revela histórias de luta diante de uma tentativa de apagamento de seus traços físicos. Naquele momento, traziam à tona seus modos de vida que se mostram para além do aspecto estético, como ação política, que, por meio de uma rememoração com os seus e através de contação de histórias, não deixam que seus costumes sejam esquecidos. Vejamos:

“Ouvi uma das meninas dizendo que queria colocar a coroa (apontando para o turbante). Isso me fazia perceber a importância daquele momento. Mais ainda, quando um dos meninos que se propôs a me ajudar (na construção das bonecas negras) convida uma mãe a aprender a fazer as bonecas: “você precisa aprender também para fazer para ela”, ele diz. Penso que, de alguma forma, aquele menino entendeu o sentido da construção de abayomi. Percebo a transmutação de sentimentos

quando a boneca foi colocada: um deles pensa em sua tia. Então, entendo que os entrelaços, ali, estavam para além dos fios e tecidos em suas mãos.” (Diário de bordo, 2021).

Conforme percebido, a ação teve, como algumas de suas propostas, o uso de turbantes e a construção de bonecas negras, as quais foram produzidas a partir de pedaços de tecidos e fios. A atividade do artesanato com bonecas negras abre espaço para a evocação da cultura negra em suas raízes, além de favorecer a constituição e o fortalecimento de suas identidades.⁴ Sendo assim, vê-se nesse exercício uma prática de cuidado, pois permite trabalhar a autoestima e a partilha de conhecimentos com as pessoas de suas comunidades.

Os momentos de diálogo acerca das características físicas do povo negro e todos os significados envolvidos vêm se apresentando com frequência nos encontros ocorridos. Destacou-se um diálogo que ocorreu com uma moradora bastante ativa nos movimentos da associação dos moradores da comunidade, sobre o programa de TV Big Brother 21:

“Havia ocorrido uma fala desconfortável sobre o cabelo crespo de um dos participantes do programa. Sobre esse ocorrido, a moradora da comunidade retratou a reação dele, em expor seu desconforto e aparente dor, diante da situação, como vitimismo, pois em sua visão, ela apontava que não se lamentava das características, da sua vida e de sua origem, não tendo, assim, inveja de ninguém que é mais bonito, rico ou inteligente. A partir disso, fiquei curiosa em desenvolver mais a conversa, sob o ponto de vista de vivências ou conhecimentos de bullying que poderiam talvez aproximar de uma

compreensão do que o participante pode ter sentido. Independente disso, as professoras, com bom humor, reafirmaram que apontar as características afro não era uma prática ofensiva por si só.” (Diário de bordo, 2021).

Essa passagem ressalta uma reafirmação identitária que se afasta de ver seus traços como algo que cause sofrimento. Logo, não há vergonha de sua historicidade, modo de viver ou características. Apesar disso, a temática permite refletir que um incômodo pode não dizer sobre uma dor por ter tais características, mas sim sobre a forma que o outro reage a respeito delas, repetidamente ao longo de sua vida.

Nessa perspectiva, os traços não causam sofrimento, mas a forma racista de falar desses traços pode, sim, ser ofensiva, porque fala de uma ofensa coletiva, não é mais uma questão apenas pessoal. Para além, a própria narrativa elucida a invisibilidade de um processo comum em nossa sociedade, já que camufla o racismo com o bullying, pois qualquer violência repetida a traços, história ou cor se configura como racismo⁵, diferentemente do processo de bullying que não tem motivação clara para o conjunto de agressões repetitivas.⁶

Dialogando com outros modos de ocultamentos, a ideia de suposta igualdade entre as etnias, por exemplo, por sermos miscigenados, podem reforçar a visão de vitimismo⁷ nas considerações feitas a respeito de violência ou apropriação cultural, já que o caráter ofensivo no modo de agir e comentar se perderia e esse processo corroboraria para conter manifestações e inconformismo racial, ou seja, auxiliaria a normatização do racismo.

Outro momento que nos marcou foi no início do ano letivo de 2019, em reunião no Castainho com lideranças. O propósito era construirmos as possibilidades de continuidade das ações extensionistas juntos. Na conversa, foram destacadas as mudanças que estavam ocorrendo por lá. No caso, a mudança de liderança, a comunicação entre as comunidades e o processo referente às tomadas de decisões conjuntas, em roda de conversação, sempre foram princípios valorizados na cultura dos povos tradicionais:

“Esteve muito presente, inclusive pela nova liderança. Está claro o prejuízo que tem o distanciamento comunicativo entre as comunidades, que são seis ao todo. Um outro líder até comentou sobre o ditado que juntos é mais difícil quebrar e eu me peguei refletindo sobre o sentido de comunidade. Desafio de comunidade. Suely ressaltou que sempre haverá opiniões diferentes, entretanto, nesses momentos, é importante lembrar o que é que os mantém juntos e, diante disso, conseguirem se entender. Ao fim, só podia pensar no quanto podemos aprender com a história, realidade e desafios da comunidade Quilombola de Garanhuns.” (Diário de bordo, 2021).

A marca da dialogia pela organização em roda no Castainho está presente através da característica da tradição oral como base dos conhecimentos quilombolas. Para além disso, é em roda que as danças e vivências eram caracterizadas nas narrações saudosas sobre os modos de viver na comunidade do Castainho, antigamente com conversas e músicas em frente à igreja, no samba de coco.⁸⁻⁹

Nesses momentos, é possível ser elucidado o quanto estamos aprendendo

e como esse aprendizado vai ocorrendo a cada contato com eles, próximo dos seus modos de ser e conviver. Desde a relação com o território que vem perpassando a lógica coletiva legalmente, a imersão cultural nos modos individualistas do capitalismo também exerce influência. A partir disso, coloca-se colocam a cooperação como um desafio na democratização das decisões e construção do ser coletivo.¹⁰ Eles apontam as rodas como formas de olhar nos olhos.

Figura 2: Reunião das lideranças do Castainho com a extensão, dialogando possíveis ações na comunidade. Garanhuns, 2019.



Fonte: Autor

Esse modo em comunidade também apresenta desafios.

“Encontramos a atual liderança do Castainho. Em meio à conversa, houve desabafos da parte dela sobre uma solidão (mais restrição e responsabilidade) que um lugar de líder proporciona, inclusive nas visões e ideias que, muitas vezes, não batem com o senso comum de sua comunidade. Foi muito gratificante ver a compreensão sobre o assistencialismo: as cestas básicas até ajudam, mas não resolvem o problema e ainda causam dependência. Suely reafirma que cestas

são para emergências, mas não se vive em emergência ou crise. Isso me fez lembrar do curso sobre crise e emergência, que tive a oportunidade de realizar e do qual levei comigo na síntese: Vejo em crise um momento angustiante que demanda cuidado e possibilidade de mudança. A liderança me mostrou ler a situação exatamente assim, enxergando a dor da emergência, mas também a possibilidade de mudança daquela realidade, inclusive de forma preventiva, além da própria ação de líder com o cuidado.” (Diário de bordo, 2021).

O assistencialismo político ignora a necessidade da autonomia que proporcione a longo prazo a desnecessidade da sua existência.⁹

Conforme apontado por José Carlos, liderança em 2016, o apoio político está longe de ser a favor das comunidades quilombolas. Esse olhar crítico condiz com o posto por Costa, Fonseca e Fontes:

“[...] a liderança comunitária atua na mediação dos caminhos a serem desnudados, ao contrário de uma entrega paternalista, aos participantes, das soluções vislumbradas. Não se deve negar o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer. Os líderes devem mediar o exercício da atitude crítica em face do objeto, por intermédio da problematização. Desse modo, não incorre o risco de reforçar neles uma atitude passiva e receptiva”.¹⁰

O modo de cuidado da liderança é em um construir que não se transplanta, mas sim se reinventa por dizer de uma realidade única.¹⁰ Diversas formas de cuidar podem acompanhar as amplas maneiras de demandar. Por exemplo, no movimento extensionista, um modo

diferente do senso comum do psicólogo ocorreu como viabilidade de um cuidado aberto à crise, à angústia do momento ou a qualquer movimento que não dê para esperar, através dos plantões psicológicos, “considerados possibilidades de um atendimento emergencial [...]”.¹¹

Ademais, o movimento em busca de saúde e qualidade de vida, alvo de interesse da associação de moradores, possibilita repensar conceitos de saúde consagrados, como o da OMS: “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”,¹² pois esse “perfeccionismo” de bem-estar não abrange os desconfortos presentes em movimentos de resistência, por exemplo, e a perspectiva integrada do ser humano desejada é insuficiente, porque essa definição ausenta a visão de um bem-estar que é de acordo com a realidade especificamente apresentada.¹³

Logo, o bem-estar pode estar além do conforto e abarcar o prazer característico da maestria que, diferentemente do prazer fisiológico e das sensações, envolve um esforço para sua conquista e esse processo a torna diferenciada. É possível refletir que a dor presente no desconforto pela busca de objetivos comunitários não se torne sofrimento diretamente. O sofrimento é a lamentação por uma realidade que vai além do seu poder de mudança; é ressentimento pela sua forma existencial.¹⁴ Portanto, é importante diferenciar essas possibilidades de formas de se apresentar no mundo, como demonstrado no descontentamento da moradora da comunidade diante do caso do BBB 21. Nesse contexto, é possível questionar qual a sua visão e o que nossa extensão pretende proporcionar quando se fala em saúde. O programa Um Pé de Saúde busca promover a saúde partindo de uma visão integral e descentralizada

do ser, abarcando diversos cursos em sua composição, com cuidados diferentes, bem como a compreensão da historicidade, cultura e condição sociopolítica como aspectos importantes na promoção da saúde. Conforme levantado anteriormente, também construímos ações em diálogos com seus modos de cuidado populares, em um fazer cotidiano, a partir do desvelamento de demandas da comunidade. Esse movimento contrasta com outras formas de atenção que aparecem em narrativas:

“Foi narrado descontentamento com restrição da psicóloga presente na instituição da comunidade, pois esta alegava necessidade de sua sala, dentro de alguns critérios, para fazer seus atendimentos. Essa postura vai em direção totalmente contrária à psicologia que compreendemos: uma psicologia que se inclina, oferecendo cuidado a partir da realidade e maneiras de viver do próximo, podendo dar atenção embaixo de árvore, sentada em um batente ou mesmo em andança.” (Diário de bordo, 2021).

4. DISCUSSÃO

Diante do exposto, as formas de diálogo presentes na extensão “Um Pé de Saúde” se apresentam, desde seu início, em diversas ações e estas, juntamente com as apresentadas nos relatos, possuem em comum o movimento do extensionista em oferecer abertura e disposição afetiva para a experiência com o outro, em seu viver cotidiano. A partir disso, a construção das ações e a vivência delas foram marcadas pelo compartilhar de conhecimento. Assim, é diante de todas essas experiências, que as narrativas são produzidas e, por meio desse caminho, a análise e a discussão

propostas neste artigo buscam refletir sobre novas direções e sentidos, sem buscar explicação ou conclusão. Esse fazer se distancia da ideia de apanhar informações com a finalidade de explicar fatos, já que a narrativa é compreendida como uma contação de experiências.¹⁵ Nesse sentido, os registros narrativos permitem afetações e reflexões sobre os encontros na comunidade.

Desse modo, é possível refletir que o conhecimento vai se construindo no diálogo. Nessa vertente, nas ações extensionistas há um distanciamento de uma intervenção mediada pela técnica moderna, isso porque a perspectiva interventiva permite abertura, pois como colocam Barreto, Santana e Leite¹⁶, esta se apresenta como um caminho fértil, haja vista que suas reverberações desvelam outros horizontes para a compreensão dos fenômenos humanos. Sendo assim, nesse movimento, o extensionista se propõe a um olhar diferente daquele baseado em certeza ou verdade já conhecida, aguardando serenamente que, no encontro com a comunidade, possam ir-se construindo os caminhos a serem transitados. Assim, há desafios de incerteza e desalojamento. Ou seja, assumir a atitude de construir ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados, que é o caso de uma comunidade quilombola, evidencia a incerteza perante a abertura à dialogia, mas seria nesse processo a possibilidade de revelação do fenômeno a ser trabalhado.¹⁵

Nesse sentido, a ação clínica se mostra como um modo de acompanhar o outro, com o objetivo de respeitar sua forma de se direcionar na vida, assumindo as tarefas do viver e do seu cotidiano, ao passo que se apodera de si e de sua história.¹⁷ Assim, partindo dessa

perspectiva, a presente extensão busca promover um cuidado que não invade o espaço do outro, especialmente aqui, não modificando costumes, tradições e práticas de cuidado da comunidade. Isso pode ser observado, por exemplo, na ação “Beleza Quilombola”, citada anteriormente, pois se trata do movimento da própria comunidade em nos convidar para estarmos juntos, com diálogo e coparticipação, em um dia significativo em sua história: o Dia da Consciência Negra. Desse modo, percebe-se que considerar a historicidade do outro é compreendê-lo como um ser-com-outros.

Referindo-nos à ação de continuamente avaliar, junto com as lideranças, as ações extensionistas realizadas e propostas, há a presença viva da perspectiva não assistencialista, apresentada anteriormente. Assim, a atenção perpassada pelo diálogo pode se ligar ao movimento de cuidado, abordado por Braga e Farinha¹⁸, que apontam o movimento de cuidado, no qual a autonomia do outro é mantida, favorecendo-o seguir seus próprios caminhos, ou seja, há espaço de escuta, encontro, diálogo, partilha que convida o outro a cuidar de si e dos modos de conviver, construindo história e tecendo movimentos juntos, em coparticipação. Essa ação ainda nos lembra que

“o cuidado (*sorge*) não é algo que temos, mas que somos: em cada relação que estabelecemos, em cada ação no mundo, em nosso lidar cotidiano com outros entes, tornamo-nos também quem somos.”¹⁸

A relação entre a extensão e a comunidade se mostra como manifestação do cuidado com outros. Afinal, “[...] ser-com-o-outro pressupõe um

relacionamento significativo e envolvente, também chamado de autêntico cuidar”.¹⁸

No mais, é possível compreender que a extensão universitária é de significativa importância na formação acadêmica - profissional. Pois, como visto através dos relatos, as vivências das práticas por parte dos que compõem o projeto produz uma experiência aprendente, que fortalece não só os conceitos ao aluno anteriormente apresentados, mas porque permite também abertura a conhecimentos plurais.¹⁹

A caminhada se faz junto e na relação aluno-docente-comunidade é que os referidos autores afirmam ser possível a criatividade, o se perceber coparticipante que, só faz sentido, quando tecida por/em redes de conhecimento, na relação dentro-fora da Universidade, vivenciada e sentida. Ademais, vê-se que olhar para a extensão universitária é pensar numa formação para além do mercado de trabalho, haja vista que propõe, aos seus integrantes, uma compreensão plural e diversa sobre os diferentes segmentos da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, de forma breve, apresentar recortes de relatos de experiência do Programa de Extensão Universitária “Um Pé de Saúde”, havendo a possibilidade de expressar o seu modo de agir e dialogar com a comunidade do Castainho em Garanhuns-PE. A partir das narrativas, aconteceu uma discussão sobre a ação extensionistas, que objetiva a atenção e o cuidado não assistencialista, mas sim uma ação de coparticipação e corresponsabilidade com a comunidade, de modo a não visar resultados ou explicações, mas promover saúde nos territórios. Além disso,

pretendeu discorrer um pouco sobre a presença da leitura hermenêutica, compreendendo a narrativa como um modo de contação da experiência que caminha para um diálogo consigo e com outros.

REFERÊNCIAS

- GADOTTI, M. **Extensão universitária: para quê**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.
- FREIRE, P. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- CARVALHO, C. M. R. G. *et al.* Contribuições de uma extensão universitária participativa: uma proposta de educação para a cidadania. **Extramuros-Revista de Extensão da UNIVASF**, Juazeiro, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/875/635>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- ROSA, G, R; FERREIRA, A. S. A confecção de bonecas negras na formação docente. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantins, v. 2, n. 1, p. 127-143, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/2820>. Acesso em 16 de maio de 2020.
- CARAPELLO, R. O racismo camuflado pelo bullying. **Revista Educação**, São Paulo, v.15, n.1, p.171-8, 2020. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4018/3073>. Acesso em 15 de maio de 2021.
- SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar Educacional**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-38, Dec. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 17 de maio de 2021.
- MOURA, T. M. Racismo na contemporaneidade: **Uma análise do racismo nas redes sociais**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8273/5/Disserta%20a7%20a30%20-%20Tatiana%20Maria%20de%20Moura%20-%202017.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2021.
- SILVA, J, O. **Quilombo, cultura e política: uma etnografia das políticas culturais na comunidade de Castainho, PE**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12019>. Acesso em: 17 maio 2021.
- QUEIROZ, M. G. **Memórias de resistências, identidades em conflito e a prática educativa da Escola Municipal Virgília Garcia Bessa na Comunidade Quilombola do Castainho em Pernambuco**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28996>. Acesso em: 17 maio 2021.
- COSTA, R. R. S.; FONSECA, A. B.; FONTES, R. A. B. “Não é uma associação para cuidar das terras, mas para cuidar das pessoas”: A organização social quilombola sob as lentes da educação crítica. **Revista Humanidades e Inovação**. Tocantins, v. 4, n. 3, 2017.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/398>. Acesso em 17 de maio de 2021.

11. YEHIA, G. Y. Interloquções entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 65-72, jan./abr, 2004.

12. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Constituição da Organização Mundial de Saúde**. Washington, 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

13. SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de Saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-42, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>. Acesso em: 14 maio 2021.

14. FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M.; SANT'ANNA, G. S. Desespero e sofrimento no discurso de pessoas que pensam em tirar a própria vida: uma análise existencial. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 328-50, 2018.

15. SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. Fenomenologia Existencial como caminho para pesquisa qualitativa em psicologia. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n3/a08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

16. BARRETO, C. L. T.; SANTANA, A. M.; LEITE, D. F. C. S. Contribuições da Fenomenologia Existencial à Psicologia: outros horizontes para a prática psicológica. In: _____. **Psicologia Clínica nas Fronteiras - Saúde, Educação e Cultura**. Curitiba: CRV, 2019. v. 1, p. 169–89.

17. BARRETO, C. L. B. T. Angústia e Desamparo: o sofrimento humano na era da técnica moderna. In: BARRETO, C. L. B. T.; SIQUEIRA LEITE, D. F. C. C.; SILVA, E. F. G. (orgs.). **Clínica psicológica e sofrimento humano: uma perspectiva fenomenológica existencial**. Curitiba: CRV, 2018, p. 19-34.

18. BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em Busca de Sentido para a Existência Humana. *Phenomenological Studies*. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

19. RIBEIRO, M. R. F.; PONTES, V. M.; SILVA, E. A. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2017. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9097/5506>. Acesso em: 20 maio 2020.